

Israel cede e Egito abre corredor para socorrer Gaza



Biden pede, Israel autoriza e Egito anuncia ajuda

PRESIDENTE EGÍPCIO CONFIRMA ABERTURA DE CORREDOR "SUSTENTÁVEL" DE ASSISTÊNCIA HUMANITÁRIA À FAIXA DE GAZA, APÓS PRESIDENTE DOS EUA SOLICITAR A NETANYAHU. DEMOCRATA ACUSA "TERRORISTAS" POR ATAQUE A HOSPITAL

RODRIGO CRAVEIRO

O abraço do presidente dos EUA, Joe Biden, no primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, ainda na pista do Aeroporto Ben-Gurion, foi um sinal de que a aliança entre os países segue inabalável. A visita de sete horas e meia a Tel Aviv ocorreu no dia seguinte a um bombardeio ao Hospital Batista Al-Ahli Arab, na Cidade de Gaza, em que 471 pessoas morreram, segundo o Ministério da Saúde palestino. Biden isentou os israelenses de culpa pelo massacre, prometeu ficar ao lado deles na defesa da liberdade e da justiça e fez uma advertência ao premiê: "Enquanto vocês sentirem essa raiva, não os deixem consumir por ela".



O premiê Benjamin Netanyahu (E) abraça Joe Biden após o norte-americano desembarcar no Aeroporto Ben Gurion, em Tel Aviv. apoio inabalável

O norte-americano pediu a Netanyahu a aceitação da entrega de ajuda humanitária à Faixa de Gaza. No fim da noite (hora local), o Egito autorizou a entrada de 20 caminhões com suprimentos no enclave por meio da passagem de Rafah, que permanecia fechada, e anunciou a implementação de um "corredor sustentável" de ajuda.

O presidente egípcio, Abdel Fattah el-Sisi, e o presidente americano, Joe Biden, fecharam um acordo para fornecer ajuda à Faixa de Gaza por meio do terminal de Rafah de forma sustentável", disse, por meio de nota, o porta-voz da Presidência egípcia, Ahmed Fahmy, sem informar datas. Mais cedo, o gabinete de Netanyahu tinha alertado que não autorizaria assistência humanitária a Gaza, a partir de seu território, enquanto os 199 reféns do grupo terrorista palestino não forem libertados. "À luz do pedido do presidente Biden, Israel não impedirá assistência humanitária do Egito, desde que seja apenas comida, água e medicamentos para a população civil localizada no sul da Faixa de Gaza ou que esteja se deslocando para lá, e desde que esses suprimentos não alcancem o Hamas", afirmou, em comunicado.

Após comentar o bombardeio ao hospital de Gaza, Biden disse: "Parece ser o resultado de um foguete errante disparado por um grupo terrorista em Gaza". Sobre o atentado de 7 de outubro, quando extremistas do Hamas assassinaram 1,4 mil pessoas e feriram 4,5 mil



Comboio com donativos do Cairo se aproxima de Rafah, na fronteira

no sul de Israel, o americano sublinhou que o feriado judaico terminou-se "o dia mais mortífero para o povo judeu desde o Holocausto". Ele frisou que "o Hamas não representa o povo palestino". Em 12 dias de ataques a Gaza, 3.478 palestinos morreram, 12.500 ficaram feridos e meio milhão estão deslocados. Na madrugada de hoje, Israel voltou a atacar posições da milícia xiita Hezbollah, no sul do Líbano.

Reféns

Imã de Tamar Gutman, uma israelense de 27 anos desaparecida desde 7 de outubro após o Hamas atacar a rave no kibbutz de Re'im, Adva Gutman Tirosch disse ao Correio não acreditar que a

entrada de suprimentos em Gaza ajudará a resgatar os 250 reféns em poder do Hamas e de outros grupos. "Israel quer fazer isso porque se importa com os civis palestinos, mas acho que, se esse carregamento for entregue, o Hamas precisa dar acesso à Cruz Vermelha, a fim de que ela veja os sequestrados, monitore a condição de saúde deles e lhes forneça medicamentos. Temos que solicitar isso", comentou. "A ajuda humanitária seria incrível para a população, mas não estou certa se o Hamas deixará o povo receber as doações, se eles não tomarão o carregamento para seus terroristas", acrescentou Adva, 38.

Por telefone, Bill Van Esveld — vice-diretor da Human Rights



Palestina se desespera em meio aos escombros do Hospital Ahli Arab

Watch (HRW) para os Direitos das Crianças — afirmou a reportagem que o bloqueio total imposto por Israel a Gaza, em 12 de outubro, deixou a população infantil do enclave vulnerável. "As crianças carecem de assistência médica e sofrem com a falta de água e de eletricidade. Gaza estava em péssima condição antes mesmo da guerra, pois um embargo vigora desde 2007. Agora, o bloqueio é absoluto. Os hospitais estão com suprimentos no fim, e médicos têm que escolher quem deve sobreviver", lamentou. "Algumas crianças não recebem analgésicos, ainda que sofram de fraturas extremamente dolorosas, causadas pelos bombardeios."

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova

York e especialista em Oriente Médio, Alon Ben-Meir admitiu que o arranjo para a entrega de ajuda humanitária, sem que o Hamas seja beneficiado, será "extremamente difícil", mas pode ser feito "em grande parte". Segundo ele, o governo de Netanyahu está determinado a "eliminar" ou "desaplicar" a liderança do Hamas. "É uma tarefa muito difícil, em particular porque muitos de seus líderes não estão em Gaza, mas na Turquia e no Catar; outros simplesmente se escondem em um complexo de túneis, o que tornará impossível as Forças de Defesa de Israel (IDF) encontrá-los. Além disso, Israel poderá assassinar muitos dos líderes do Hamas, mas não eliminar a ideologia do grupo", comentou, por e-mail.

Pontos de vista

Por Richard Falk

"Condição fantasiosa"

Doa Turkel/AFIP



"Parece-me uma condição bastante fantasiosa impor que a ajuda não chegue ao Hamas, a menos que o suprimento seja averiguado — em busca de armas e munições — na fronteira do Egito e tenha a distribuição monitorada em Gaza. Seria difícil identificar destinatários que façam parte do quadro de pessoal do Hamas. É uma condição irrealista e impraticável. Trata-se de uma propaganda de Israel para mostrar que se engaja em guerra total apenas contra o Hamas, não contra a população de Gaza."

Professor de relações internacionais da Universidade de Princeton e ex-retor especial da ONU para a Palestina Ocupada (2008-2014)

Por Bishara Bahbah

"Exigência absurda"

Arquivo pessoal



"Israel não pode nem deveria impor uma única condição à permissão de ajuda a milhões de palestinos que necessitam desesperadamente de assistência. Israel dá a si mesmo uma margem de manobra para deixar de permitir a entrega de ajuda, caso determine que o material esteja chegando ao Hamas. É uma exigência absurda. Os israelenses têm impedido a ajuda."

Vice-presidente do Conselho Estados Unidos-Palestina e ex-conselheiro do líder palestino Yasser Arafat

Protestos se espalham

Manifestantes se reuniram ontem nas principais cidades do islã para protestar contra o ataque ao hospital Al Ahli, na terça-feira, que deixou 471 mortos, segundo o Ministério da Saúde da Faixa de Gaza. Os protestos, que acusam Israel como mandante da ofensiva, tomaram praças nas capitais de Jordânia, Líbano, Turquia, Irã e outros países. O presidente iraniano, Ebrahim Raisi, participou dos atos em Teerã e declarou que Israel enfrentará uma "dura vingança" dos muçulmanos. Em seu discurso, acusou os Estados Unidos de serem responsáveis pelos

crimes cometidos em Gaza e avisou que os americanos pagarão por isso. "As bombas que caem sobre a população de Gaza são americanas (...). Com cada gota de sangue derramada pelos palestinos, o regime sionista aproxima-se mais um passo do colapso", disse Raisi.

A revolta dos iranianos também visou países aliados de Israel. Os manifestantes jogaram ovos contra o prédio da Embaixada da França, aos gritos de "Morte à França e à Inglaterra". Em Túnis, capital da Tunísia, a movimentação também ocorreu em frente a



Iranianos protestam com bandeiras da Palestina e do Hezbollah, em praça de Teerã

representação diplomática francesa, com clamores pela demissão do embaixador francês.

Em Amã, cerca de 10 mil pessoas se reuniram em frente à embaixada israelense para exigir a retirada da missão diplomática da Jordânia. "Não à embaixada sionista em território jordaniense", gritavam, enquanto exibiam bandeiras palestinas. Houve protestos pedindo rompimento diplomático com Israel em outros países árabes, como Egito, Líbano, Iraque e Bahrein. No Líbano, pessoas com bandeiras palestinas e da milícia xiita Hezbollah

ocuparam as ruas de Beirute. O primeiro-ministro provisório do país, Najib Mikati, decretou luto nacional por um dia. A Turquia, por sua vez, impôs três dias de luto pelo bombardeio ao hospital de Gaza. No Iraque, aproximadamente 200 pessoas manifestaram-se na Zona Verde de Bagdá, área que abriga várias embaixadas e edifícios do governo na capital. Acusado de orquestrar o ataque, o governo israelense mantém a versão de que foguetes da Jihad Islâmica teriam atingido Gaza por engano. O grupo terrorista nega.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Página:** 9